

**O Parque do Flamengo enquanto Patrimônio:  
Os desafios da peculiaridade estética do jardim pelo valor da  
historicidade**

*The Flamengo's Park as Patrimony:  
The challenges of the aesthetic peculiarity of the garden for historic value*

*El Parque del Flamengo mientras Patrimonio:  
El desafío de la peculiaridad estética del jardín por el valor historico*

**Cristina Lontra Nacif**

Professora Doutora, UFF, Brasil  
clnacif@globocom

**Thiago Oliveira Gonzalez Lopez**

Graduado, UFF, Brasil  
thiagolopez@id.uff.br

## **1 Introdução**

Em um primeiro momento, o tombamento “prematureo” do Parque do Flamengo pode sugerir alguma desconfiança: antes mesmo de ter suas instalações finalizadas e inauguradas, e justificada sua importância no cotidiano carioca, o parque já estava presente no Livro de Tombo Paisagístico do P.H.A.N. Este processo se inicia no ano de 1964, mas é em abril de 1965 que a decisão final é acordada pelo instituto patrimonial, por unanimidade; neste momento, o Brasil está sob o tensionamento do regime militar e apresenta, ainda, os reflexos de um movimento moderno expressivo na arquitetura, por consequência, também nas cidades. No Rio de Janeiro, as inúmeras transformações urbanas assumem a ressonância do programa rodoviário, que se conforma nas origens da própria formação do parque.

A proposta aqui resgata a importância de uma leitura estética do Aterro do Flamengo diante dos fenômenos históricos que demonstram sua importância, bem como a influência da peculiaridade do jardim enquanto objeto desafiador à nível patrimonial. Com o filósofo húngaro Georg Lukács, a partir de sua *Estética* (1963), estas dimensões estão presentes e conferem uma leitura para as determinações objetivas que circundam o processo de tombamento.

Enquanto solicitante e naquele momento governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda é o elo político para que o grupo de trabalho que elabora o projeto possa garantir a constituição patrimonial de seu trabalho. A mediação entre ambas as esferas é feita por Maria Carlota de Macedo Soares, próxima ao governador, bem como arquiteta autodidata e chefe da equipe do projeto, no qual participam, entre outros, o paisagista Burle Marx e o arquiteto Eduardo Reidy - nomes importantes para a construção de uma narrativa modernista do Brasil: um modernismo *com jardim*, conforme apresenta o paisagista Arnaud Maurières (in LEENHARD, 1966).

A importância para o movimento moderno brasileiro, no entanto, não apresenta argumentos suficientes para o surgimento Parque do Flamengo, sobretudo em meio ao cenário das transformações urbanas na cidade, cuja valorização de capital se apresenta como o objetivo das ações implementadas (ABREU, 2006). Nesta perspectiva, após convencer Lacerda a conciliar o programa de pistas de alta velocidade na área de expansão, o aterro, com a criação de um parque urbano, Lota demonstra a fragilidade de um argumento artístico, isto é, distante das demandas imediatas, em solo próspero ao serviço financeiro. Por isto, como justificativa, a representante do grupo de trabalho define que

Pelo seu tombamento o Parque do Flamengo ficará protegido da ganância que suscita uma área de inestimável valor financeiro, e da extrema leviandade dos poderes públicos quando se tratar da complementação ou permanência de planos. Uma obra que tem como finalidade a proteção à paisagem, e um serviço social para o grande público obedece a critérios ainda muito pouco compreendidos pelas administrações e pelos particulares. (SOARES in Ministério da Educação e Cultura, 2019)

A pertinência deste argumento encontra fertilidade no momento contemporâneo à ação, uma vez colocado o canteiro de obras no qual se encontra o Parque do Flamengo, como também recupera uma história anterior: a do e vizinho ao aterro e também tombado, Passeio Público (Livro do Tombo Histórico: Inscr. nº 71, de 30/06/1938). Este, assim como o Parque do Flamengo, não se origina a partir de uma demanda prioritária, mas, enquanto instrumento da expansão da zona sul da cidade. Sua localização, a do Passeio, decorreu de uma estratégia de tratamento e aproveitamento “de áreas alagadas e charnecas, buscando conquistar terreno firme, num sítio carente de horizontes de expansão, tão marcado por elevações e baixadas pantanosas como o do Rio de Janeiro”. Alinhar o desenvolvimento da cidade em direção sul deve ter priorizado o esforço de aterrar a lagoa do Boqueirão da Ajuda, estabelecendo a comunicação para os lados dos futuros bairros de Flamengo e Botafogo, bem como de implantar signos de urbanização, mediante o alinhamento de novas ruas (a das Belas Noites — hoje das Marrecas, a do Passeio) e a criação do próprio Passeio Público (SEGAWA, 2003). No entanto, apresenta também a peculiaridade de ser um jardim que não serve à uma arquitetura, mas irá ser o elo entre a cidade e a Baía de Guanabara, onde “de um lado, a vegetação exuberante, produto da ação humana como que a tentar criar e controlar uma natureza própria, humanizada ou idealizada. De outro, o deslumbrante horizonte da baía da Guanabara, uma dádiva divina fora do alcance e da manipulação humana” (SEGAWA, 2003) quando o Aterro do Flamengo inaugura nos anos 1950 uma nova etapa dos planos urbanísticos da cidade, entretanto, o Passeio Público perde seu elemento fundamental para composição estética, isto é, o diálogo com a paisagem.

Lukács, no capítulo em que se dedica a conformação do jardim enquanto elemento estético, apresenta a importância do jardim para a educação dos sentidos da natureza que o cerca, porque,

Por um lado, o próprio jardim tem um dado entorno, seja este um parque não organizado arquitetonicamente ou a própria natureza não submetida ao homem; por outro lado, a vila e o jardim estão dispostos para possibilitar os pontos de vista mais favoráveis da paisagem circundante. Sendo assim, aquilo que é evocado pelo jardim, conformado segundo princípios puramente arquitetônicos, supera essa essência arquitetônica, e se transforma em pictórico. (LUKÁCS in NACIF, GIORNO, 2020, p. 267)

Não por quaisquer motivos, portanto, que a relação entre o espaço conformado pelo homem e a disposição natural de seu entorno encontrará lugar no interior das motivações do tombamento do Parque do Flamengo. Desta vez, como então diretor do P.H.A.N, Rodrigo Andrade (in Ministério da Educação e da Cultura, 2019) resgata “ao que o Arquiteto Paulo Thedim Barreto chamou “o significado social-paisagístico do Parque do Flamengo e o valor de seus elementos arquitetônicos”” e prossegue que

Quanto a esses elementos arquitetônicos, poder-se-ia objetar que seria descabido tombá-los enquanto a respectiva construção não estivesse totalmente terminada, assim como a urbanização e o ajardinamento do aterro, pois que só em conjunto e favorecidos com os acabamentos pretendidos poderão ser apreciados no seu devido valor. Não obstante, cumpre considerar que o objetivo da medida pleiteada pelo Senhor Governador, no trecho conquistado ao mar compreendido entre a praia de Santa Luzia e o morro da Viúva. E, em relação tanto à utilidade quanto à oportunidade do tombamento para esse fim, quer parecer-me que não poderá pairar dúvida alguma. Opino, pois, de acordo com o órgão competente desta Diretoria, pela conveniência da inscrição do Parque do Flamengo no Livro do Tombo Paisagístico.

Deste modo, abre-se espaço para leitura na qual, ainda que diante de tensionamento latente da especulação imobiliária, a especificidade do jardim no diálogo com sua área circundante seja elemento para a construção da proteção patrimonial. Com ancoragem em uma leitura histórica e da peculiaridade que define as bases categoriais de Lukács, encontram-se caminhos que iluminam os desafios pautados por uma arte cuja “totalidade orgânica [...] resulta em algo no qual sem dúvida constam elementos naturais, mas que representa algo qualitativamente novo em relação à natureza” (LUKÁCS in NACIF, GIORNO, 2020, p. 266).

## **2 Objetivos**

A pesquisa tem como objetivo amplo a leitura do jardim, cuja aproximação tenha a compreensão do mesmo desde sua especificidade estética; isto oportuna que esteja presente na análise a autoconsciência da humanidade, no acúmulo do percurso do gênero humano, como parte deste estudo circunscrita no interior da historicidade, da peculiaridade e do compromisso com o cotidiano. Por isto, a leitura do Parque do Flamengo a partir do filósofo Georg Lukács permite:

- Delinear as determinações que constituem um jardim estético;

- Contextualizar e investigar a perspectiva filosófica, de amplitude universal, na particularidade cotidiana;
- Traçar diretrizes para uma proposta de leitura crítica dos jardins urbanos.

### 3 Metodologia / método de análise

Sobre o método de análise, Chasin (2020) escrevendo sobre o método na perspectiva marxista, assinala, afirma que ele Hegel cai na ilusão

[...] de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo." Ilusão que decorre porque "o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida". Porque **"o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado"**. Em suma, **é cientificamente falso partir da imediatividade, bem como o concreto, no pensamento, é ponto de chegada.** (CHASIN, 2020, p.140, grifo nosso)

A revisão bibliográfica, portanto, apresenta artigos e livros de referência, além de documentos oficiais, sobretudo relacionados ao tombamento do Parque do Flamengo, com os quais há o comprometimento da análise do objeto e o reconhecimento de suas determinações históricas. Em contrapartida, com a finalidade de encontrar as características universal-estéticas que estão presentes no Parque, ancora-se nas contribuições de Georg Lukács para o atendimento às peculiaridades do jardim.

Desta maneira, a pesquisa apresenta dois eixos de análise, desde a compreensão histórica e peculiar do objeto, em que se justifica a divisão devido a fonte de pesquisa e as atmosferas analíticas. Contudo, configurada a complexidade da realidade, ambas as perspectivas se encontram dialeticamente interligadas e conformam diretrizes para uma alternativa ao modo descritivo.

### 4 Resultados

A abordagem argumentativa para o tombamento do parque a partir de Lota de Macedo Soares e Rodrigo Andrade, respectivamente, como representantes do projeto e da instituição patrimonial, apresenta duas instâncias de análise. Entretanto, ainda que com a primeira haja uma preocupada atenção aos critérios da renovação urbana, que não possuem compromisso com a dimensão estética dos espaços, e que o segundo evidencie a necessidade de garantir a relação entre o Parque do Flamengo e a Baía de Guanabara em fidelidade ao determinado em projeto, ambos os aspectos estão inseridos no desafio do jardim de se expressar esteticamente.

Neste contexto, as considerações de Lukács em sua estética demonstram tensionamentos peculiares na forma em que o Parque reflete a realidade, "na medida em que um jardim [quando] desencadeia emoções estas têm que ser positivas, ter um conteúdo afirmativo" (LUKÁCS in NACIF, GIORNO, 2020, p. 262). Com isto, os movimentos para a manutenção do jardim em sua conformação estética original não somente justificam um

tombamento, mas demonstram que o atendimento às necessidades dominantes do cotidiano é conflito inerente à sua própria expressão artística.

Esta dimensão não quer, contudo, evocar um conformismo pelas mudanças implementadas a serviço da reprodução urbana, de modo a naturalizar esses processos; em seu lugar, reforça a ideia de que as escolhas realizadas na elaboração do parque, desde sua objetiva conformação estética, delimitam uma maneira particular de mediação entre homem e natureza. Nesse sentido, observar as dinâmicas em torno da comparação entre o Passeio Público e o Parque do Flamengo, em um primeiro momento, auxilia compreender o motivo pelo qual este precisava mesmo de uma proteção específica, sobretudo a vista para a baía de Guanabara, como manutenção de sua especificidade enquanto espaço de educação aos sentidos humanos.

Entretanto, e o que também concerne ao diálogo com a baía de Guanabara, estão delimitadas manifestações distintas de se conceber um jardim em cada um dos exemplos, como no próprio acesso à água, à cidade ou menos elementos decorativos. Assim, no lugar de um terraço contemplativo, a baía com o Parque do Flamengo se transforma em praia; os animais decorativos ou as grutas artificiais do Passeio Público já não aparecem na conformação de um jardim modernista; os desenhos abstratos de Burle Marx, em estreito diálogo com sua pintura e sua atividade investigativa de espécies botânicas, denotam a expressão de uma nova sensibilidade humana pelo espaço dimensionada. Por consequência, o novo parque moderno supera a ideia de "jardim do novo plano" e passa a apresentar, efetivamente, o valor de uma peça artística do movimento modernista brasileiro, com reconhecimento internacional.

## **5 Conclusão**

Entre as demandas de proteção frente ao ameaçador movimento de mercado e a necessidade de garantia do elo com a paisagem, as considerações do filósofo Georg Lukács definem uma leitura na qual, mesmo que submetidas a estruturas qualitativamente distintas, ambas esferas de abordagem se comunicam intrinsecamente. Isto porque, consolidadas as apreensões da peculiaridade do jardim e as determinações históricas do objeto, supera-se a descrição dos fatos ocorridos e, com isso, o Parque do Flamengo pode ser visto à luz da consciência humana que o permitiu.

Por fim, o *conteúdo afirmativo* do jardim, ao mesmo tempo que limita a abertura crítica do espaço e o difere das demais artes, termina por apresentar um registro histórico que é capaz de apresentar as questões principais de um determinado *aqui e agora*. À luz da dimensão patrimonial, portanto, o jardim se converte em importante registro urbano a receber proteção, bem como o Parque do Flamengo aborda elementos precisos com o seu entorno a partir de sua dimensão estética.

## **6 Referências**

ABREU, Maurício. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006.

# *Periódico Técnico e Científico*

## **Cidades Verdes**

ISSN eletrônico 2317-8604, volume 10, número 26, 2022

CHASIN, J. **LUKÁCS: VIVÊNCIA E REFLEXÃO DA PARTICULARIDADE**. Anuário Lukács, 2020. Disponível em <https://www.institutolukacs.com.br/single-post/anu%C3%A1rio-luk%C3%A1cs-2020>

GIRÃO, Claudia. **Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina – parte 2**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 136.01, Vitruvius, set. 2011 Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4048>>. Acesso em: 5 set. 2020.

LEENHARDT, Jacques. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LUKÁCS, György. **Estética – Tomo IV**. Trad. Manuel Sacristan. Barcelona: Grijalbo, 1982.

NACIF, Cristina Lontra; GIORNO, João Vitor. **O Jardim na estética de Georg Lukács**. Revista Libertas, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/issue/view/1415>>. Acesso em: 5 set. 2020.

Ministério da Educação e Cultura. **Processo no 748-T-64. Parque do Flamengo**. DPHAN/DET, Seção de História. Vol.1, 2019. Disponível em: [http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo\\_748-T-64\\_tombamento\\_parque\\_do\\_flamengo.pdf](http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo_748-T-64_tombamento_parque_do_flamengo.pdf) > Acesso em: 02 out. 2021.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.